

## **Desmontagem e o Teatro de Ferro**

O Teatro de Ferro desenvolve desde 2002, um trabalho regular com grupos de crianças e adolescentes oriundos de contextos sociais desfavorecidos. Nestes projectos, são construídos espectáculos com uma equipa constituída por elementos profissionais e não profissionais (a equipa fixa do TdF e outros artistas convidados e o grupo de participantes) formando, em cada projecto, um grande colectivo. Uma parte significativa dos elementos destes grupos é acompanhada e indicada por uma IPSS – a Qualificar Para Incluir.

### **Uma ideia, um ponto de partida – Desmontagem – as possibilidades de uma prática. A criação de um vocabulário comum.**

Partindo do princípio que estes jovens estariam arredados do universo da arte, tornou-se claro que para trabalharmos em conjunto, era necessário recodificar a forma de comunicar para agir.

O título deste projecto, que se encontra neste momento na sua quinta edição, reflecte a noção de re-perspectivação e ao mesmo tempo, implica a ideia de separação, divisão em partes menores – mais simples de analisar, compreender, interpretar.

Nos espectáculos Desmontagem 1, 2, 3 e 4 assumimos como estrutural a noção do corpo no espaço. A percepção e sua utilização são estruturantes.

As experiências realizadas em processo criativo são habitualmente organizadas em torno de improvisações individuais, em que são dadas aos participantes, premissas muito objectivas no campo da gestão dos elementos: corpo, espaço, tempo. Neste âmbito das *motivações*, tanto partimos de uma lógica de pequenos acontecimentos sequenciados, em que se insinua uma narrativa, como de ideias que pressupõem um nível de abstracção mais complexo (ex. a utilização de um determinado objecto enquanto extensão transformadora do corpo) em que o factor exploratório e a surpresa se manifestam de forma mais evidente.

Por vezes, a direcção destes jovens actores/criadores obriga a que se recorra directamente a referências da comunicação/cultura de massas (notícias recentes, desenhos animados, jogos electrónicos, filmes ou séries e anúncios

de TV). O recurso a estas imagens re-contextualizadas, é útil na criação de um padrão colectivo de entendimento – os participantes percebem que o importante não é o exemplo dado, mas sim as possibilidades de manipulação/desmontagem operadas na fonte inicial.

Para que serve o trabalho? Os ensaios (repetições) e a sua necessidade são frequentemente uma questão difícil, em especial para os que não têm experiência anterior. Não é óbvia a relação entre o investimento e o retorno. A construção de cada espectáculo envolve sempre momentos em que, não sendo possível garantir o sucesso de coisa alguma, se torna fundamental consolidar a ideia de que o trabalho experimental, se por um lado apresenta sempre incertezas, por outro é um fim em si mesmo. É por isto que é necessário persistir. Nesta incerteza latente, elabora-se um contrato de confiança mútua e esforço partilhado.

### **Os percursos/vivências e a forma como estes se reflectem nos processos e na sua exteriorização – a apresentação do espectáculo.**

Em Desmontagem, apesar das suas características particulares, o percurso dos seus intervenientes/autores, não tem sido encarado como modelador das propostas. Não pretendendo escamotear nenhum aspecto que, externamente, possa caracterizar ou identificar cada um dos intervenientes no espectáculo (nos quais, obviamente, me incluo), consideramos muito mais interessante a construção de um território que está para além desses “perfis”. Neste espaço/território utópico, não tem havido lugar para abordagens pseudo antropológicas, que em muitos casos, não são mais do que a continuação, mal disfarçada, da pior tradição portuguesa – a pobreza apresentada como pitoresca em que, afinal, se promove (de forma desleal para com os participante nos projectos) de modo alegadamente poético, eventualmente bem-humorada, a tipicidade da miséria, castiça e/ou suburbana.

### **Partilha territorial – o papel do actor, o papel do público.**

Uma outra especificidade dos espectáculos Desmontagem é a utilização menos convencional dos teatros e outros espaços em que são apresentados. Em todas as edições se tem promovido uma vivência do espaço assumidamente activa/ interactiva em que o espectador está envolvido na

própria construção da cena. Os espectadores ocupam não só o palco como diversas áreas técnicas e de acesso habitualmente restrito. Ao ser convidado a deslocar-se, não só procura o melhor lugar para observar, como participa na mecânica geral do espectáculo, frequentemente são os actores que orientam estas movimentações. Esta partilha territorial estabelece entre actores e espectadores uma forma implícita de cumplicidade que, se fosse verbalizada, seria qualquer coisa assim:

*«Nós sabemos, ou melhor, achamos que sabemos o que vai acontecer e vocês não; ou melhor, nós sabemos como queremos que isto vá acontecer, por isso vou-te contar.»*

A aplicação extensa e em profundidade de todos os recursos técnicos e dispositivos inerentes à própria arquitectura dos espaços de apresentação tem sido amplamente explorada nos espectáculos Desmontagem. Cortinas de ferro, varas motorizadas, quarteladas com hidráulicos, monta-cargas, fossos de orquestra, varandas, saídas de emergência, teias, sub-palcos, etc. integram o imaginário de Desmontagem. Com esta desmontagem do próprio edifício/corpo/máquina do teatro preconiza-se uma ideia de espaço cénico vivente, uma personagem omnipresente com quem actores e público interagem e contracenam.

### **Contágio, contaminação, efeitos colaterais.**

Este projecto, pela sua intensidade e regularidade, tem assumido uma importância considerável na actividade do Teatro de Ferro. A circulação de informação entre este e os outros espectáculos da companhia faz-se em todos os sentidos; o contágio é inevitável, as diferentes experiências reconstroem-se mutuamente, alimentam-se, também, umas das outras. Os processos inerentes a uma prática artística, pelas suas múltiplas exigências, são visivelmente transformadores. As transformações operadas manifestam-se de formas muito diversas de acordo com o indivíduo e o momento. Desmontagem representa para os seus participantes uma conquista que se alarga muito para além do palco.

Desmontagem é um laboratório instalado na fronteira entre a arte e a cidadania.

Igor Gandra

Director Artístico

Teatro de Ferro